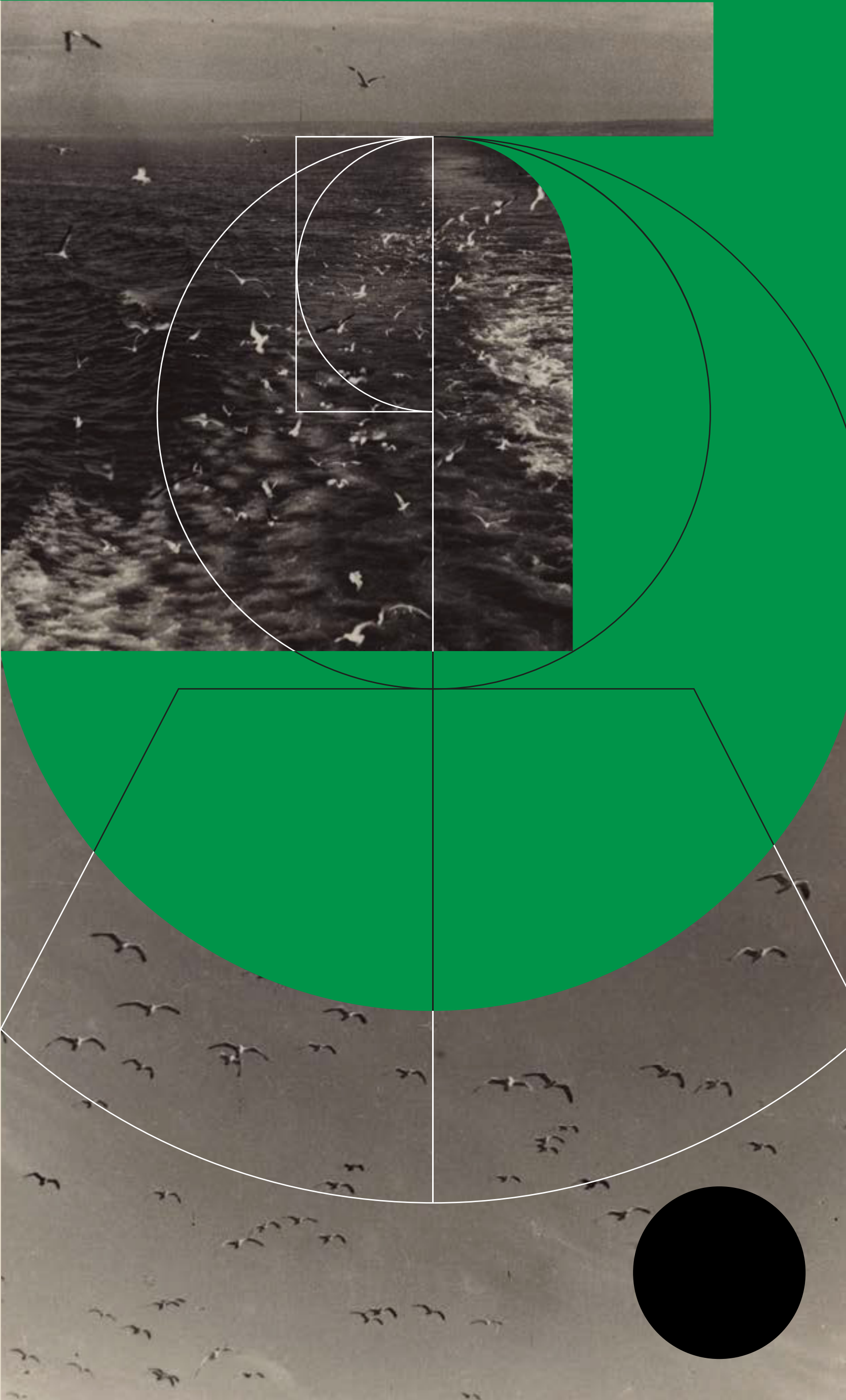


Ministério do Turismo e Museu Paranaense apresentam

Nosso Estado: vento em movimento



APRESENTAÇÃO					The Our state: Wind and/ in Motion exhibition project was initially conceived at the end of 2019, product of our desire to bring out themes that were indispensable to the Paraná Museum, such as identities, memories and territories. Our specific focus was the caçara culture and its displacements. We wanted to portray it through a deeper and more representative perspective, in addition to shedding light onto the real protagonists of these stories: men and women who, in constructing their lives on a day-to-day basis, are also shaping the territory we call Paraná. When we began, we could not imagine we would soon be engulfed in a global sanitary crisis that would prevent us from doing what we most desired to do for such a project: to meet people, learning about their individual trajectories and identifying that which in their stories connected to the topics chosen for the exhibit. The Covid-19 pandemic proved brutal, demanding constant adaptations, and causing irreparable losses, yet with resilience we were able to each our goal. We greatly thank all the guests who spared their time to tell us their stories of life, fishing, 'fandango', displacement, nostalgia – yet also of how they resettled in other territories, or how they resisted, on their original homelands (and the sea). Our state: Wind and/in Motion is composed of the stories of Danuta, Cecília, Polferia, Heinz, Edson, Rony, Claudemir, Ayla, Fouad, Silmara, Denise, Rubens, Poro, Aorelio, Jairo, João Pires, Isolina, Leonildo, Zeca da Rabeca, Renato, Rose and Janguinho, in addition to approximately 100 objects from the historical, anthropological and archeological MUPA collection. The exhibit is split into two main pillars: Displacements by the inside and Displacements by the margin. Within the former, we have the sections entitled Memories in Motion, Illusions of the Land, Artisan and Traders Echoes, Language on the Edges and Identity Heritage, bringing out different experiences of displacement in the past and present. The second pillar is divided into the following subtopics: Invisible Signs, Bodies that Fish, Faith and the Folia do Divino, Fandango-loving Lives and Caçara Hands. Visitors are invited to an encounter with the complexity of the collective experience of the coastal caçara communities – as expressed through their musicality, religiosity, sensitivities and relationship to the land. The audiovisual register, which includes testimonies as well as scenes that portray landscapes and handcrafts, are the heart of the exhibit. They were recorded in 2021, in different parts of the state of Paraná. All the recordings are now part of the Paraná Museum permanent collection, augmenting the diversity of popular and traditional voices and expressions kept up by this 145-year-old institution. The making of a new collection and an exhibit were goals that were meticulously pursued by the entire Museum staff and the outside professionals involved in the project. It comes as an atypical action within an institutional moment, one which seeks to turn our historic museum into a true space of relations, bringing in narratives and subjects who were previously invisible or represented only in simplified forms. Narratives have been revised and the collection, expanded. Our museum opens itself to the future and discovers in its own history a spirit of continuous movement and transformation. We would like to thank all of the professionals, direct or indirectly involved in the various stages of the present project: the outside teams as well as the Paraná museum staff, the General Superintendency of Culture and the State Secretariat for Culture and Media. We are also grateful for the support received from the Federal University of Parana's Museum of Archeology and Ethnology (MAE-UFRPR). And, finally, we thank our partners within the business community who have consistently supported Paraná Museum activities and without whom this exhibit would not be possible.
	O projeto da exposição <i>Nosso estado: Vento e/em Movimento</i> começou a ser desenhado no final de 2019, fruto de uma vontade de tratar temáticas imprescindíveis ao Museu Paranaense (MUPA) como identidades, memórias e territórios, no específico deslocamentos e a cultura caçara, de forma mais representativa e aprofundada, além de lançar luz sobre os reais protagonistas dessas histórias: homens e mulheres que dia após dia constroem suas vidas e consequentemente formam esse território que chamamos de Paraná. Quando começamos, não imaginamos que seríamos atravessados por uma crise sanitária global que impediria o que mais almejávamos nessa empreitada: encontrar pessoas, conhecer suas trajetórias individuais e identificar o que nessas histórias se conectava com aspectos ligados aos assuntos que elegemos para a exposição. A pandemia de Covid-19 foi severa, exigiu constantes adaptações e causou inúmeras perdas irreparáveis, mas com resiliência chegamos ao nosso objetivo. Agradecemos imensamente aos convidados e às convidadas que reservaram um tempo para nos contar suas histórias de vida, de pesca, de fandango, de deslocamento, de saudades, mas também de como se reconstruir em outro território ou de como resistir em seu pedaço de chão (e mar) tradicional. <i>Nosso estado: Vento e/em Movimento</i> é formada pelas histórias de Danuta, Cecília, Polferia, Heinz, Edson, Rony, Claudemir, Ayla, Fouad, Silmara, Denise, Rubens, Poro, Aorelio, Jairo, João Pires, Isolina, Leonildo, Zeca da Rabeca, Renato, Rose e Janguinho, além de aproximadamente 100 objetos do acervo histórico, antropológico e arqueológico do MUPA. A exposição divide-se em dois eixos principais: <i>Deslocamentos por dentro</i> e <i>Deslocamentos pela margem</i>. No primeiro, temos os núcleos <i>Memórias moventes</i>, <i>Ilusão da terra</i>, <i>Ecos artífices e negociantes</i>, <i>A língua das pontas</i> e <i>Heranças identitárias</i> que trazem diferentes experiências de deslocamentos do passado e do presente.	Já o segundo eixo conta com os núcleos <i>Sinais invisíveis</i>, <i>Corpos que pescam</i>, <i>Fé e folia do Divino</i>, <i>Vida fandangueira</i> e <i>Mãos caçaras</i>. Nele, o visitante é convidado a conhecer a complexidade da experiência coletiva das comunidades caçaras do litoral paranaense por meio de sua musicalidade, religiosidade, sensibilidade e relação com seu território. Os registros audiovisuais, que contam com depoimentos, cenas de paisagens e fazeres artesanais, são o coração da mostra e foram gravados em 2021, em diferentes locais do Paraná. Todas as gravações passam a integrar o acervo documental do Museu Paranaense, ampliando a diversidade de vozes e expressões populares e tradicionais desta instituição de 145 anos de existência. A constituição desse novo acervo documental e a realização dessa exposição foram metas laboriosas para toda a equipe do MUPA e profissionais externos envolvidos. Esse projeto coloca-se como uma ação atípica deste momento da instituição, que visa tornar este museu centenário um verdadeiro espaço de relações, trazendo narrativas e sujeitos até então invisibilizados ou representados de forma simplificada, revisão de narrativas e ampliação de acervo. Um museu que se abre para o futuro e que encontra na sua própria história o espírito de contínuo movimento e transformação. Gostaríamos de agradecer a todos os profissionais, direta e indiretamente envolvidos nas variadas etapas do projeto, tanto das equipes externas quanto dos funcionários do Museu Paranaense, Superintendência-Geral da Cultura e Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura. Ao apoio do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFRPR). E, por fim, agradecemos às empresas parceiras que têm apoiado constantemente as atividades do MUPA e sem as quais essa exposição não seria possível.			
		Museu Paranaense			
					



NOSSO ESTADO: VENTO E/EM MOVIMENTO

O movimento do vento costura cada história registrada nesta exposição e funciona como bússola em uma cartografia afetiva de algumas existências que ajudam a formar o que chamamos de Paraná, um bloco nada monolítico e, aqui, sem intenções totalizantes ou redutoras. É o vento, esse agente atmosférico capaz de modificar territórios, fertilizar extensas faixas de terra e arrasar paisagens inteiras, o motor de mudança de pessoas e paisagens. A escrita da nossa geografia e da nossa história obedeceu a essa força motriz errática que alterou a direção de comunidades inteiras e sedimentou identidades, sob o bom céu e sob a tormenta, num estado que hoje chamamos de nosso.

Depoimentos, objetos e registros de saberes e de paisagens formam os dois eixos centrais da exposição *Nosso estado: vento e/ em movimento*, denominados *Deslocamentos por dentro* e *Deslocamentos pela margem*. Cada núcleo contém vídeos que registram trajetórias individuais e por meio dos quais se revelam aspectos de comunidades nas quais esses sujeitos estão inseridos. Essas histórias reafirmam a importância da oralidade e da pluralidade de vozes para a compreensão das coletividades que habitam e atravessam este território e passam a integrar o acervo do Museu Paranaense.

Em *Deslocamentos por dentro*, perceber o aqui e o agora abarca experiências de quem se deslocou no passado e quem se desloca no presente, sujeitos que partilham um movimento antagônico, que se enraíza em algum ponto da geografia paranaense e que busca manter os vínculos de pertencimento ao seu ponto de origem. Nessa sequência ritmada de idas e vindas, diferenças e semelhanças moveram signos, expectativas e fazeres e forjaram territórios múltiplos dentro de uma terra • muitos mundos. O desconcerto de quem se moveu e se move pela terra não é só físico, mas existencial e sensorial. Um desconcerto que colocou corpos inteiros em outra experiência social, vista sob o prisma de quem protagoniza seu próprio enraizamento na terra ou • das memórias desse enraizamento.

Em *Deslocamentos pela margem*, as bordas • coletivas das comunidades caiçaras que apontam para o sensível, para o poético e para o religioso, em contraponto às transformações • que afetaram seu • últimas décadas. Séculos de envolvimento produtivo com • de terra, mar e lagamar escoam em um modo de vida ele próprio • no hoje, o que os coloca como uma espécie de refugiados • de fundo de toda a intensidade de • que sustentam este lugar, as marcas diretas e indiretas das interdições ambientais em seu espaço aparecem nas narrativas • Existir em outras margens, seja de rios, seja de oceanos ou • um desafio brutal ou uma • do devir imigrante, migrante, refugiado, exilado, removido, deslocado. Defender-se dos redemoinhos que impelem a desterritorialização daqueles que não são *quem são* fora dos seus territórios marca as experiências e angústias das comunidades • de *Nosso estado* aponta para um duplo, que abarca os territórios de dentro e de fora, do estado subjetivo de quem é um e no estado territorial • – aqui, chamado Paraná, *um canal entre dois rios* • águas, movidas pelo mesmo vento.

OUR STATE: WIND AND/IN MOTION

The movement of the wind flows through every story exhibited here, a compass in an emotional cartography of lives that take part in the formation of what we call Paraná: a not-at-all monolithic block that we look at with no holistic or reductionist intentions. The wind – this atmospheric agent capable of shaping terrains, fertilizing extensive stretches of soil, and devastating entire landscapes – becomes the driving force behind changes in populations and scenery. The writing of our geography and history is thus linked to this erratic driving force; it has altered the direction of entire communities and solidified identities, under blue sky and storm, in a state which we now call ours. Testimonies, objects and records of landscape or knowledge make up the two central pillars of the Our State: Wind and/in Motion exhibit, which we have called Displacements by the margin and Displacements by the inside. Each thematic core has several videos that register individual trajectories through which aspects of these individuals' communities are revealed. These stories reassert the importance of a plurality of voices and of oral tradition for understanding the collectivities that inhabit and cross this territory – and thus become part of the Paraná Museum collection. In Displacements by the inside, perceiving the here and know includes the experiences of those who have moved about in the past and those who move about now, subjects who share contradictory movement, putting down roots somewhere within Paraná geography and yet seeking to maintain ties of belonging to their place of origin. In such rhythmic flow of arrivals and departures, differences and resemblances have shaped signs, expectations and actions and forged multiple

territories within a land that embraces several worlds. The disconcertedness of those who move or have moved through the land is not only physical, but existential and sensorial. A disconcertedness responsible for thrusting entire bodies into a different social experience, seen through the prism of those who put down new roots or who inherit the memories of such processes. In Displacements by the margin, the 'edges' frame collective experiences of the caiçara community which point to the sensitive, the poetic and the religious, a counterpoint to the large-scale transformations which shook up their surroundings over past decades. Centuries of productive participation within a territory made up of land, sea and laguna, running through a form of life has today been disturbed, turning people into refugees of their own land. The direct and indirect scars of environmental interventions emerge from the narratives of these subjects, a background to the intense ecological relations and cultural expressions which shape such a place. To exist on 'other margins', whether those of rivers, oceans or hinterlands, can be a brutal challenge or an opportunity, depending upon how one has become an immigrant, migrant, refugee, exile or displaced person. The need to defend themselves from the whirlwinds that displace those who, outside of their own territories, are no longer themselves, marks the experiences and anguishes of traditional communities. The idea of Our state indicates a double meaning, including inside and outside territories, the subjective state of who one is and the territorial state of who the other is – here, known as Paraná, a channel between two rivers that empty out into the same waters, moved by the same wind.

- que abraçou
 - de quem é herdeiro
 - emolduram experiências
- em larga escala
 - entorno nas
- um território
 - deslocado
 - em seu próprio território. Como um pano
- relações ecológicas e expressões culturais
- dos sujeitos deste eixo.
 - nos sertões, pode ser
 - oportunidade, pela própria natureza
- tradicionais. A ideia
- de quem é o outro
 - que desembocam nas mesmas

MEMÓRIAS MOVENTES

Autoria desconhecida
Unknown author

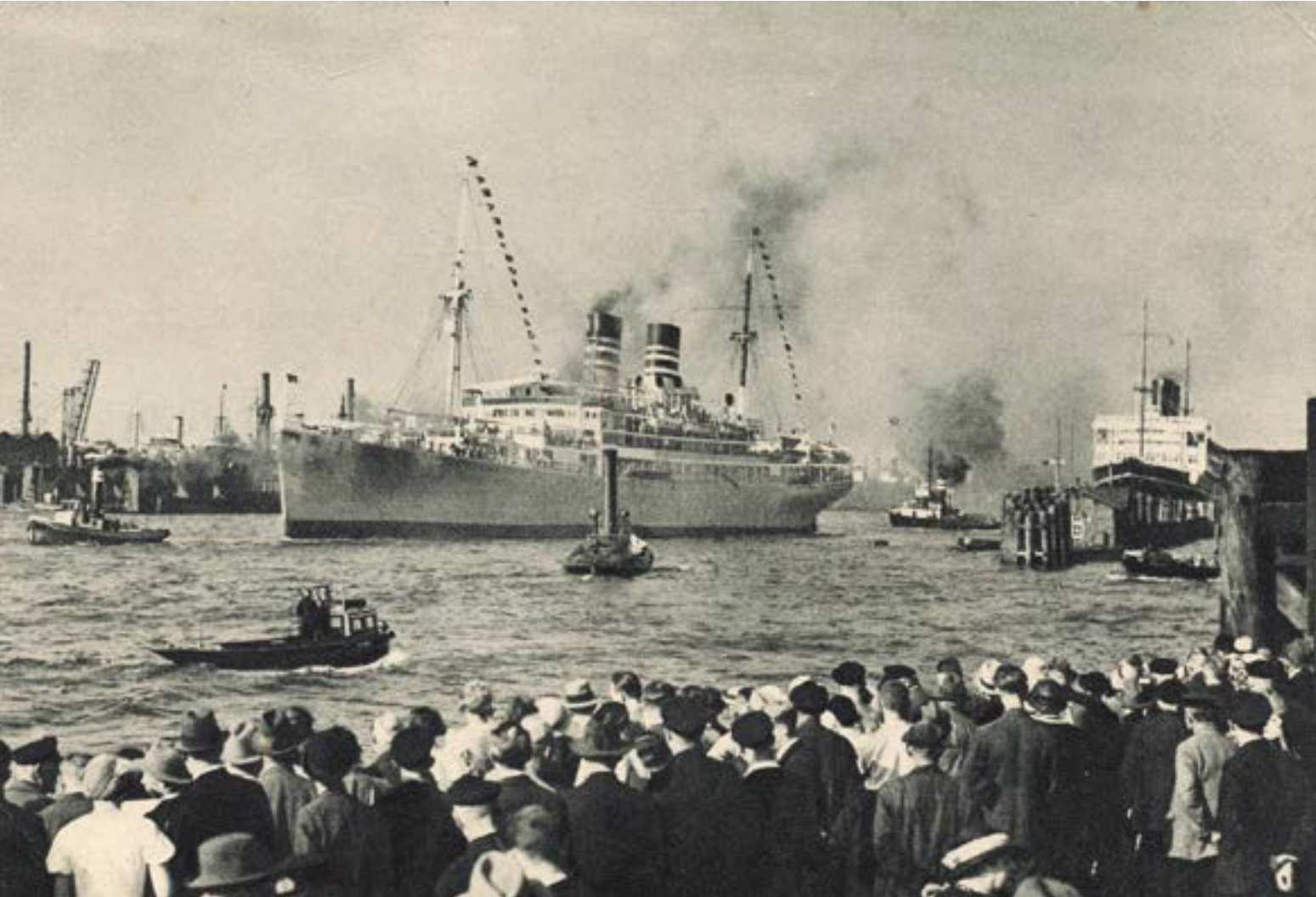
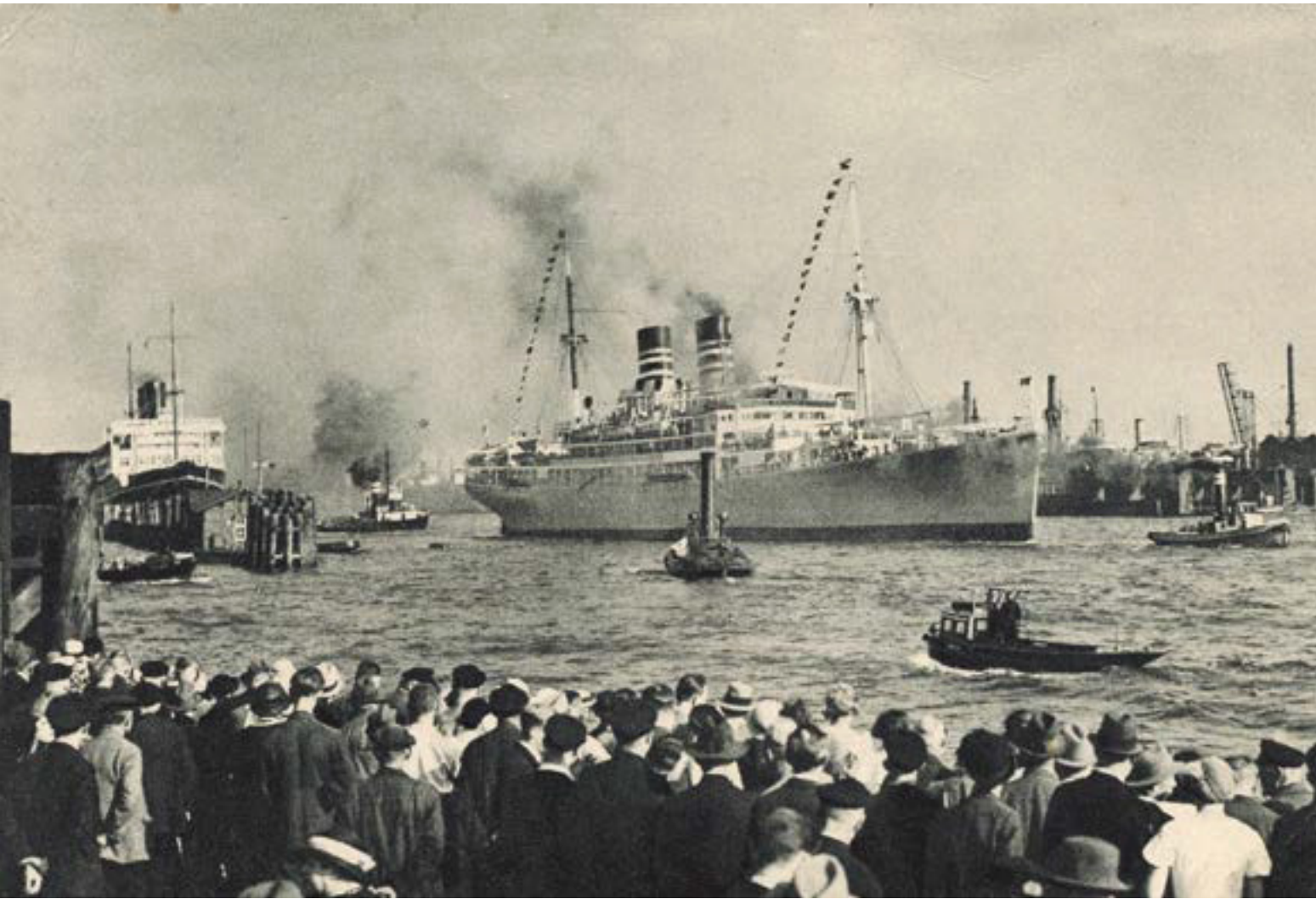
Navio da Norddeutscher Lloyd Bremen, 1920
Norddeutscher Lloyd Bremen company ship

Fotografia
Photograph

COLEÇÃO / COLLECTION HATSCHBACH,
MUSEU PARANAENSE

ABAIXO, À DIREITA
BELOW, TO THE RIGHT

Fotografia espelhada



It was 1829 when the first immigrants settled in Paraná, in Rio Negro. The 1853 emancipation became a milestone. Since Paraná did not have significantly attractive economic pillars, the initial policy to attract immigrants began small-scale, slowly expanding its boundaries by means of definitive population. Here the main actors were those interested in subsistence agriculture and minor mechanical crafts and trades.

By the end of the 19th century and beginning of the 20th, the most expressive immigration waves populated the state. In 1911, Paraná registered approximately 100 foreign colonial communities. Nowadays, the search for a general inclusion that refutes erroneous cultural perceptions is common to all ethnic groups, yet interpretations have not always been like this.

Governmental intentions during the Monarchy and Republic were ambiguously recorded: immigration meant the possibility for the occupation of an alleged demographic vacuum and a consequent widening of the borders, yet also hid a project of phenotypical and cultural 'whitening' for the

creation of a new society. It is no coincidence that in 1937 ethnic schools were shut down. Linguistic and cultural manifestations were restricted to the church. In the Lucena colony, belonging to Itaiópolis, when it was then still part of Paraná, Cecilia would listen to the Polish Hour on the radio in her father's VW bug.

Daughter of war survivors, opera singer and soldier, Danuta, immigrant from Poland and part of the first ballet and Polish folk group in Paraná, Brazil meant the possibility to breathe. For her family, Brazil was a land of milk, wonders, with the risk of running into snakes and jaguars – yet the latter were not reason to step back.

Those who are displaced move and act on their own, sometimes as a subtle and oriented breeze, other times as a strong wind amidst a storm. People chose to move by their own design, extrapolating state propaganda, and – caught between acceptance and disapproval – built their own trajectories. They fight, even today, to maintain their most authentic value: the collective memory of their roots.

Foi em 1829 que os primeiros imigrantes fizeram morada no Paraná, ali em Rio Negro. Em 1853, a emancipação foi um marco. Já que o Paraná não dispunha de grandes eixos econômicos atrativos, a política inicial de atração de imigrantes foi a adoção da pequena escala, destinada ao alargamento da fronteira por meio de uma ocupação definitiva. Os atores dessa etapa foram os grupos que se destinavam à agricultura de subsistência e pequenos ofícios mecânicos.

No final do século XIX e início do século XX, as levas mais expressivas de pessoas povoaram o Estado. Em 1911, o Paraná registrava cerca de 100 comunidades coloniais de origem estrangeira diversa. Hoje, a busca pela integração em conjunto com a refutação de percepções culturais equivocadas é comum a todas as etnias, mas nem sempre as lentes foram as mesmas.

As intenções governamentais, durante a Monarquia e a República, tiveram discursos ambíguos: a imigração era a oportunidade de ocupação de um suposto vazio demográfico e conseqüente alargamento das fronteiras, mas também escondia um projeto de branqueamento fenotípico e cultural na construção dessa nova sociedade. Não à toa, em 1937, as escolas étnicas foram proibidas de funcionar. Manifestações linguísticas e culturais se restringiram, então, à igreja. Na Colônia Lucena, pertencente a uma Itaiópolis ainda paranaense na época, Cecilia ouvia a Hora Polonesa no rádio do fusquinha do pai.

Filha de sobreviventes da guerra, uma cantora de ópera e um combatente, Danuta, imigrante da Polônia e integrante do primeiro grupo de balé e folclore polonês do Paraná, viu no Brasil um alento. Para sua família, o Brasil era terra de leite, de maravilhas, com o risco de se encontrar, aqui, cobras e onças, nada que os fizesse recuar. Quem se desloca se movimenta e age por conta, ora como brisa leve e orientada, ora como vento forte em meio à tempestade. Sujeitos deslocados com suas próprias intenções muito além da propaganda do Estado, entre aceitação e repúdio, construíram suas próprias trajetórias e ainda hoje lutam pela manutenção de seu bem mais autêntico: a memória coletiva de quem são os seus.

ILUSÃO DA TERRA



ACIMA / ABOVE
Paisagem, 2021
Landscape
Frame do vídeo
Video frame

À DIREITA / TO THE RIGHT
Vladimír Kozák
Sem título [Colono russo], s.d.
Untitled [Russian settler], n.d.

Fotografia
Photograph

COLEÇÃO / COLLECTION VLADIMÍR KOZÁK,
MUSEU PARANAENSE

Terra farta e produtiva. Possibilidade de compor um projeto nascente. Na chegada, fauna e flora peculiares e uma terra em disputa. A partida não foi fácil para quem saiu da Europa e da Ásia no final do século XIX, tampouco para quem chegou na segunda metade do século XX. Desembarcar nos portos brasileiros foi uma experiência abruptamente diferente da propaganda que fez imigrantes decidirem por vir. O vazio demográfico descrito era o oposto do que se via na junção de alemães, indígenas, japoneses, libertos e escravizados. Complexo para quem já deixava para trás perseguições religiosas, caçadas étnicas que já tinham catalisado o trânsito territorial dentro de seus próprios continentes. Mesmo a reformulação da mão de obra já havia levado pra lá e pra cá ucranianos, poloneses e rutenos tentando se adaptar à inescapável industrialização do final do século XIX. No século XX, a transição das velhas para as novas características na ocupação do cenário agrícola continuou e o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe menonitas e holandeses para o segundo planalto paranaense. Em 1958, foi a vez dos

ILLUSIONS OF THE LAND

Rich and productive land. Possibility of an emerging project. Upon arrival, characteristic fauna and flora and a disputed land. Departure was not easy for those who left from Europe and Asia at the end of the 19th century, nor for those arriving in the second half of the 20th century. Landing at Brazilian docks was an experience that was wildly different from the images offered by the propaganda that had induced immigrants to come here. The demographic emptiness that had been described was quite the opposite of the noticeable merging of Germans, Indigenous, Japanese, freed and enslaved peoples that new arrivals found before their eyes. A challenge for those who were already leaving behind the religious persecution and ethnic hunt downs which had been responsible for their departure from their own continents. The remaking of the labor force itself had already obliged Ukrainians, Polish, and Ruthenians to relocate, trying to adapt themselves to the unavoidable industrialization of the end of the 19th century. In the 20th century, the transition from old to new forms of agricultural activities continued. The end of the 2nd World War brought Mennonites and Dutch to the second plateau of Paraná. In 1958 it was the Sino-Russians. U.N. support awarded upon arrival did not alleviate the precarity of the first installations. The Santa Cruz Colony is a result of the first claims for

the real right to land on the part of those who had left their own with a promise. A promise heard by the family of Polferia, an embroideress from Santa Cruz, daughter of immigrants – nowadays maker of sewing racks for Russian and cross-stitching to those who find her through social media. The same promise which charmed Heinz's grandparents and led them to experience all that was offered by the Witmarsum lands – from food for cows, milked with equipment financed by the Banco do Brasil, to several thousands of strawberry plants. Although these groups fenced off some lands for themselves, displaced populations were not isolated within their own strongholds. The experience of the Santa Cruz Colony points to contacts between those occupying the alleged demographic emptiness, no mere reproduction of inherited narratives. Among differences and desires, negotiation and conflict, the remaining Quilombolas and the Sino-Russian community created bonds which allowed for commercial and social exchange between them. The color of the snowless earth, once the source of all that was consumed, followed the nuances of time to become this platform for commercial, social and emotional bonds between the populations who settled there: trade as a tool for survival for those who could tell when the soil was poor and became experts in testing all it could grow, to make it a land of their own.



ECOS ARTÍFICES E NEGOCIANTES

ARTISAN AND TRADERS ECHOES

The wind from the east also pushed the immigrants to other Paraná borders. If the construction of the Curitiba-Paranaguá railway was the means through which some immigrants made money, Curitiba became the stage on which Germans, Italians, Syrian-Lebanese, Portuguese and those freed from enslavement would start handling their first accounting books. At the head of the metallurgic and clothing sectors were the Germans; behind store counters, the Syrian-Lebanese and the Portuguese. The food sector fell to the Italians. And all of this was paved by master construction workers, some freed and others enslaved, ensuring the city's urbanization. Wood, leather, stone and the iron served the occupations that were emerging in the province, as the coast became too crowded for all the immigrants seeking opportunities in commerce. These craftsmen and traders spread out over villages and cities like a monsoon, breaking through the barriers of the Serra do Mar mountain range and making their presence felt in regions that were still

unsupplied with the many goods the province had to offer. Groups of Japanese who had been working the lands abandoned the rural area and sought city life, to open businesses or exercise mechanical trades. Through experience, relations and cultural exchange, commercial activity thrived, spreading signs of its place of origin through gestures and attitudes. Jaguars, as well as crossed pit vipers and other venomous snakes were present in Edson's pioneer north and became the target of spears forged under the katana tradition, vestiges of a sacred samurai past. From the modeling of the blade on the forge to the assemblage of the spears which today are collector's objects, forging, grinding, polishing and the sharpening were not only technique, but also spirituality. They were also a direct connection with those who handled the first steel lancets, blessed by the kamikaze in Japanese; a divine wind that permeated the mind of those who threw themselves into the struggle, whoever they were – yet never without asking for permission from the ancestors.

O vento do leste também empurrou os imigrantes para outras bordas do Paraná. Se a construção da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá foi o meio para que os imigrantes adquirissem fundos, Curitiba foi palco para que alemães, italianos, sírio-libaneses, portugueses e libertos comesçassem a manusear os primeiros livros contábeis. À frente do setor metalúrgico e do vestuário, alemães, atrás dos balcões do comércio, sírio-libaneses e portugueses. O alimento era por conta dos italianos. Tudo isso pavimentado por obreiros mestres no calçamento, entre libertos e escravizados, assegurando a urbanização da cidade.

A madeira, o couro, a pedra e o ferro serviram aos ofícios que emergiam na província, enquanto o litoral ia ficando apertado para o contingente de imigrantes que buscavam oportunidades comerciais. Como uma monção, esses artífices e negociantes se espalharam por vilas e cidades, rompendo a muralha da Serra do Mar e marcando sua presença em regiões que ainda não tinham o que a província proporcionava. Grupos de japoneses que haviam lançado mão de sementes e enxadas abandonaram o ambiente rural e buscaram as cidades para abrir comércios e exercer ofícios mecânicos. No contato, na experiência e nas trocas culturais, a atividade comercial prosperou ao mesmo tempo em que semeou características de seus lugares de origem no gesto e na postura.

Onças, urutus-cruzeiro e outras cobras venenosas eram presença no Norte Pioneiro de Edson e foram alvo de lanças fabricadas nas tradições japonesas de forja de katana, resquício de um passado sagrado samurai. Da modelagem da lâmina na forja até a montagem das lanças que hoje são objetos de coleções, o desbaste, a têmpera, o polimento e a afiação não são só técnica, mas também espiritualidade. Conexão direta com quem manipulou as primeiras barras de aço, agraciados pelo kamikaze, em japonês, vento divino que ocupava a mente de quem ia para o combate, qualquer que fosse, mas nunca sem antes pedir licença aos ancestrais.



ACIMA / ABOVE
Autoria desconhecida
Unknown author
Japão
Japan
Katana, séc. XX
Katana sword, 20th century
Aço e couro
Steel and leather
COLEÇÃO / COLLECTION DAVID CARNEIRO,
MUSEU PARANAENSE

Autoria desconhecida
Unknown author
Japão
Japan
Tantô, s.d.
Tantô sword, n.d.
Aço e marfim
Steel and ivory
COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE

À DIREITA / TO THE RIGHT
Autoria não identificada
Unknown artist
Morita Setsuryu e Fuiwara Seiichi, 1867
Tinta sobre seda
Ink on silk
COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE



A sintaxe que ziguezagueia entre o singular e o coletivo na vida contada por estas falas suaviza o baque do trajeto. Constatar que a prosódia se veste de maneira diferente a depender de onde vem a voz é ponto pacífico, mas tensões e conflitos causados por sotaques – e não só – não ficaram no passado.

Entre o estranho e o familiar, o Paraná finca pés e raízes no único país falante de língua brasileira na América Latina. No século XXI, tornou-se espaço de aproximadamente trezentos mil imigrantes, migrantes e refugiados – deslocados com vontades diversas, mas necessidades em comum: consolidar seu espaço social e constituir suas famílias. Regressar ao território de origem nem sempre é uma opção. Às vezes, não se pensava em sair de lá, seja lá o Haiti ou a Venezuela, seja lá um aqui tão perto, tão longe, o último refúgio da comunidade indígena Xetá. Haitianos, venezuelanos, populações indígenas exiladas de suas terras têm no agrupamento um antídoto contra a saudade, a palavra que logo de cara se aprende em terras outras. Associações coletivas, espaços de culto religioso, comunidades onde memória, identidade e cultura viram dicionário para o entendimento dos novos discursos e deste outro contexto plural.

O choque da língua, o choque da cultura, o choque da ignorância. O anfitrião nem sempre amistoso no cumprimento encontra pessoas como a Ayla, que quase perdeu um voo e demorou cinco dias para dormir tranquila, ou o Rony, que fez um trajeto de oito dias entre países que separam o Haiti do Brasil e encarou o trajeto Acre–Curitiba sabendo que *a vida que está acontecendo aqui tem outra história*. Em sua própria terra, Claudemir forjou-se em outros exílios e silêncios, entre o ir e o voltar para a mata, presenciou um encontro entre os seus, tão perto e incomunicáveis, que demorou 45 anos para acontecer.

Eles e ela não procuram mais a tradução literal ou as palavras iguais no território de agora. Sabem bem que a língua é sua maior herança. Nas suas palavras, o que ficou para trás desafia o tempo linear e a noção de pertencimento: seus filhos são o símbolo de que a vida de quem perdeu quase tudo também pode ser daqui para a frente e, a despeito das barreiras do presente e da imprecisão do passado, a palavra futuro segue na ponta das línguas.

Rony Remy
Claudemir da Silva
Ayla Nohemi Colmenarez Espinoza

Frames dos depoimentos em vídeo
Testimonials video frames



A LÍNGUA DAS PONTAS

LANGUAGE ON THE EDGES

The syntax that zigzags between the singular and the collective in the life told in these lines softens the impact of a tortuous road. We see that the prosody dresses up differently, depending on where the voice comes from, yet tensions and conflicts wrought by accents – and not by them alone – do not remain in the past. Between the odd and the familiar, Paraná thrusts its feet and roots into the soil of the only Brazilian language-speaking country in Latin America. In the 21st century, it becomes home to approximately three hundred thousand immigrants, migrants, and refugees – displaced for diverse reasons, but having common needs: to consolidate a social place in which to live and form their families. Heading back to one’s country of origin is not always an option. Sometimes, leaving home was not even planned – whether that means Haiti or Venezuela, or somewhere near or somewhere far, or the last Xetá Indigenous community. Haitians, Venezuelans, Indigenous populations exiled from their own lands find in their communities an antidote for homesickness, a word quickly learned in foreign territories. Collective associations, places of worship, communities of memories, identity and

culture: all become part of a dictionary for understanding other discourses from a context so plural. The language shock, the culture shock, the ignorance shock. The not-always-friendly greeting of a host encounters people such as Ayla, who almost missed a flight and was unable to sleep peacefully for five days, or Rony, who made an eight-day journey crossing all countries that separate Haiti from Brazil and went all the way from Acre to Curitiba knowing that life here has another history. In his own country, Claudemir was shaped by other exiles and silences, between coming and going from the forests; he witnessed a meeting of his people, so near and yet so far, which took forty-five years to materialize. These are people who no longer search for literal translations, or for absolute equivalents in the territory of here and now. They know that language is their most valuable heritage. In their words, what they left behind was a linear time and notion of belonging: their children are the living proof that the life of he or she who lost almost everything continues to unfold in the present, and that – current obstacles aside – the word future remains on the tip of their tongues.

HERANÇAS IDENTITÁRIAS

IDENTITY HERITAGE

Paraná is made up of people who, in the subtleties of Helena Kolody's words, can't tell why, so often, they miss the steppes they have never seen. On this side of the ocean, our araucaria trees – and not only them – are part of a collective memory that represents the rediscovery of what one is, what one wishes to be. Identities are not fixed. Our identity is not fixed. The people who came here, whether coming from inside or outside Brazil, find themselves in a space created through contact and distancing, by memory and oblivion, by why and why not? It is from such a dance, shaping a choreography of different cultures, distinct worldviews and multiple origins, that the people who make their way through the territory emerge: social subjects forged through a network of intense cultural exchange, giving rise to the transformation that brought Paraná to where it is in present space and time: your and our here and now. The movements – forced or voluntary – did not and do not limit themselves to roles or wishes, but are social experiences, complex and enduring. A long yesterday, a process of becoming alongside others.

A process stitched together in the memories of Denise, Fouad, Silmara and of the many other Jewish, Lebanese and quilombola people they represent, in which tearful goodbyes echo, some knots away from the unmaking of the margin, in which the stubbornness to preserve a history that still aches and the heritage of a community that lives here with their hearts there remain. As a result, a solitude which, here, in Latin America, needs to be transmitted in Portuguese – or rather, in Brazilian. From the affective gastronomic memory immediately felt through sense of smell and the continuous sensation that one does not pray alone, everyone here feels bitterness and sweetness without the need to use their taste buds; everything is experienced through difference, through what one is not. Apart from defining what is, the matter from which identity is made is there – in the hands and heart of each people. Identity is made of movement. Against and despite the winds come the joys, anguishes, languages, attitudes, foods, clothing, beliefs, plans and occupations that propagate themselves as seeds and trigger the raging storms. But also survive them. That is why you are here.



Foi dessa dança que coreografou diferentes bagagens culturais, distintas visões de mundo e múltiplas origens que surgiu um povo que se movimenta por terra: sujeitos sociais forjados por uma rede de trocas culturais intensas e forjantes da transformação que trouxe o Paraná até este tempo-espço de hoje: o seu e o nosso aqui e agora. Os deslocamentos – forçados ou voluntários – não se limitaram e limitam a funções ou anseios, mas implicam em experiências sociais complexas e de longa duração. De um longo ontem em processo de acontecimento em contato com o outro. Um processo costurado, nas memórias de Denise, Fouad e Silmara, e de tantos judeus, libaneses e quilombolas representados por eles, pelos ecos de *uma despedida com lenço na mão*, alguns nós de distância do descolamento da margem, pela obstinação em *preservar uma história que ainda dói muito*, pela herança de uma comunidade que *vive aqui com o coração lá*. Como resultado, uma solidão que, aqui, na América Latina, precisa ser comunicada em português – ou melhor, em brasileiro. Da memória afetiva gastronômica imediatamente acessada pelo olfato a uma sensação perene de que não se reza sozinho, cada um aqui sente o amargo e o doce sem precisar ativar papilas gustativas, tudo dado pela diferença, pelo que não se é. Para além de definir o que é, a matéria da qual é feita a identidade está posta – na mão e no coração de cada povo. A identidade é feita de movimento. Contra e apesar do vento, alegrias, angústias, línguas, posturas, comidas, vestimentas, crenças, plantas e ofícios se propagam como sementes e provocam tempestades. Mas também sobrevivem a elas. Por isso, você está aqui.

ACIMA / ABOVE

Paisagem, 2021
Landscape

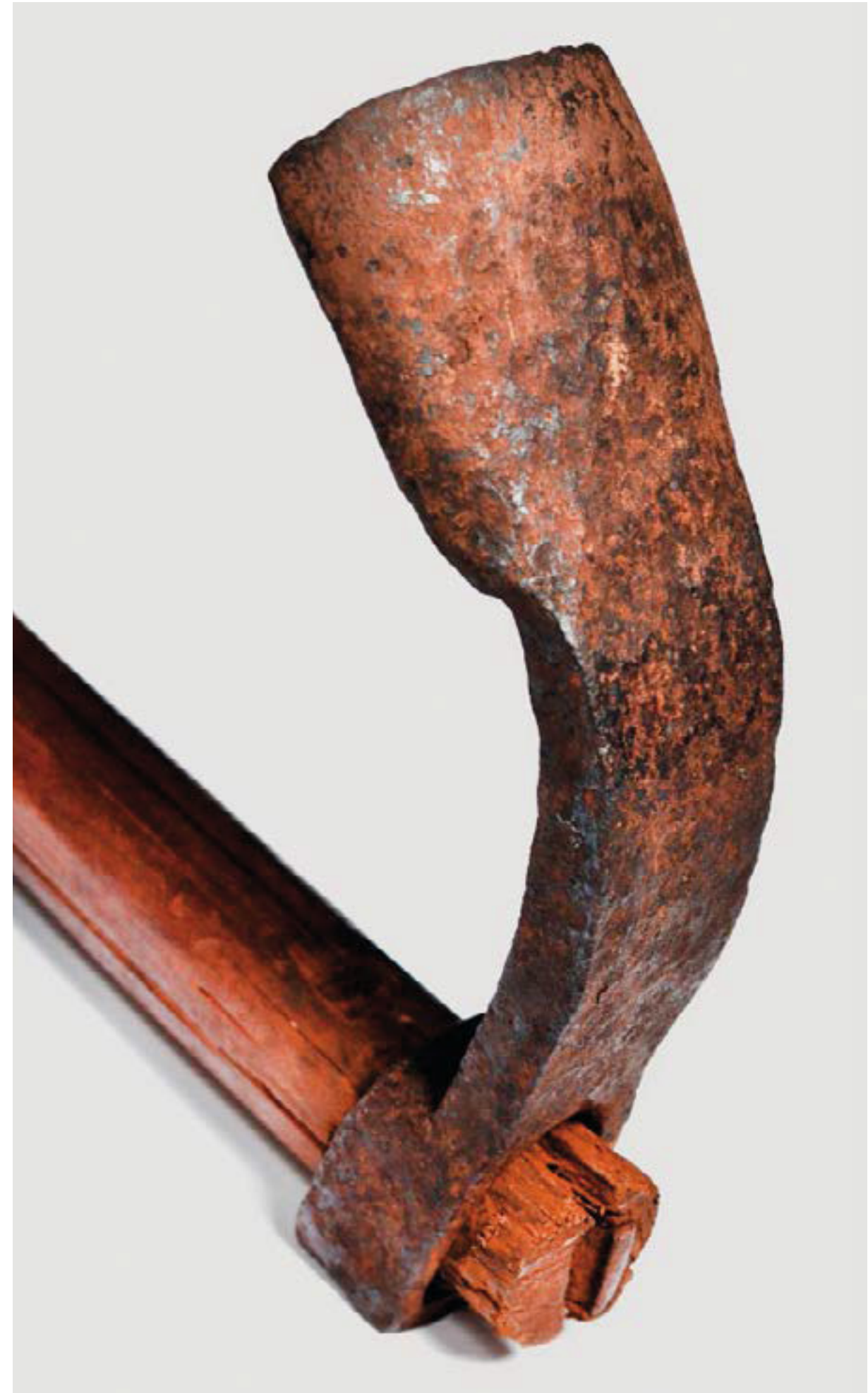
Frame do vídeo
Video frame

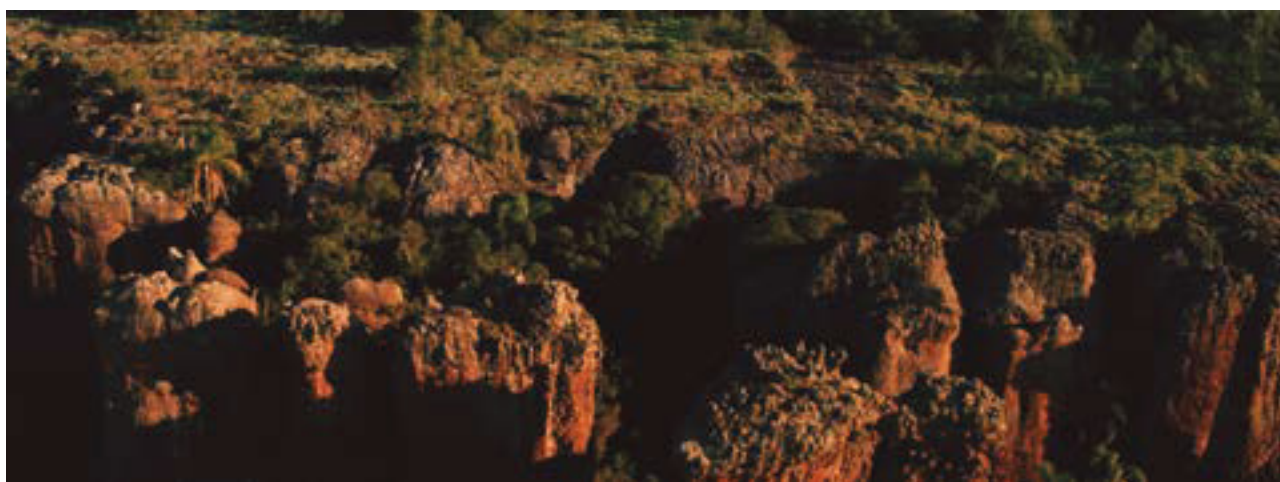
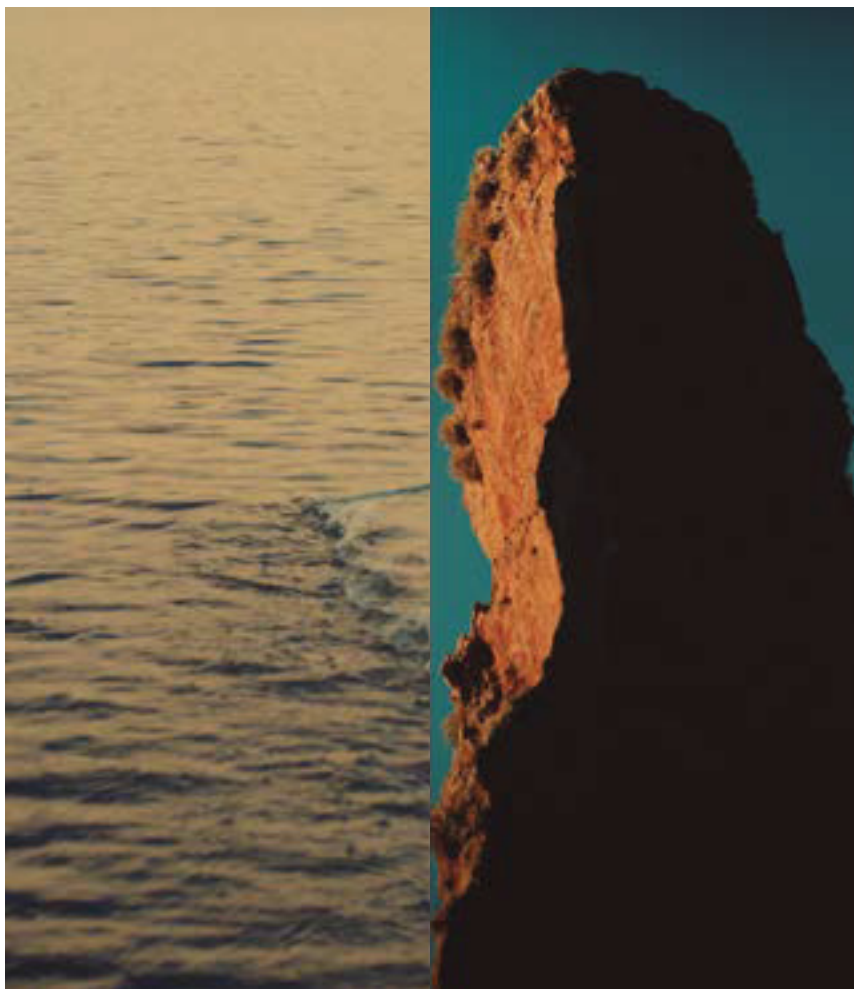
À DIREITA / TO THE RIGHT

Enxó, s.d.
Adze, n.d.

Madeira e ferro
Wood and iron

COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE





					
	Dilatador de chapéu, s.d. <i>Hat stretcher, n.d.</i> Madeira Wood COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE				
Autoria desconhecida <i>Unknown author</i> Fábrica de Louças Colombo, s.d. <i>Colombo Crockery Factory, n.d.</i> Fotografia <i>Photograph</i> COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE			Autoria desconhecida <i>Unknown craftsperson</i> Vila São Miguel ou Saco do Tambautaca, Paranaguá Balaio, 2001 <i>Basket</i> Taquara Bamboo COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE		Sambaqui, Ilha do Corisco, Antonina Pandulho, séc. XIX e XX <i>Ballast for fishing net, 19th and 20th centuries</i> Cerâmica <i>Ceramic</i> COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE
					
		Autoria desconhecida <i>Unknown craftsperson</i> Talha de barro, 1887 <i>Clay pot</i> Cerâmica <i>Ceramic</i> COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE			Praia de Leste - Pontal do Paraná Sincrânio e mandíbula de boto cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (van Beneden, 1864), séc. XX <i>Sync and jaw of grey dolphin,</i> <i>20th century</i> COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE
					



SINAIS INVISÍVEIS

A vida é uma tarefa. E não diga que não para alguém que nasceu caiçara e aprendeu a viver em movimento. A partir daqui, há pouco a explicar, muito a experimentar. Se a terra se move, por que quem vive nela ficaria parado? A Barra do Ararapira é o chão do qual não se escapa: um banco de areia que divide o mar de fora, o Oceano Atlântico, do mar de dentro, os rios, os nossos, os seus. Uma barra que é migradora – e qual não é? Quem vive aqui coabita um ambiente pulsante, um lugar que já mudou muito de lugar, um ecossistema que junta passado, presente e futuro, velho e novo – e tem vida própria. Materiais e histórias compõem sentido para a lavradora, para a pescadora, para a artesã, o que significa que o que se ouve, transmitido via oralidade, vira material visível para quem foi treinado na percepção sensorial caiçara. Palavras não são a única matéria-prima de discursos aparentemente silenciosos para quem não está atento aos sinais. E quem está: distingue na nuvem, percebe na maré ou se guia pelo som do mar. Ao mínimo assovio diferente do vento, caiçaras adaptam o dia, é também no engajamento prático que o cotidiano se faz. Ajusta-se a biruta e o chão pode ser outro. A vida acontece na sua frente e é preciso honrar isso, ainda que, abaixo desse mesmo chão, um tatu possa causar um desmoronamento. O manejo da natureza por quem reverencia a mata não depende de atenção às convenções civis. Sua civilização está engendrada no que não se vê, no que não se ouve. Quem não sabe disso é porque não ouviu

os mestres. Foram eles que ensinaram Renato a *prestar atenção ao silêncio*. E porque ele prestou atenção a isso, sabe que *a vida pode ser boa*, a mesma *vidinha que deus deu* para Rubens, ele agradece, nada diferente daquela que Edna, Shirley, Leidiana, Janice, Irai, Patrícia e Rose consagram ao entrar na mata em busca de cataia *só e somente só depois de uma oração – em voz alta ou não*. Apropriar-se do vento, fazer dele uma ferramenta, não desafiar o canto da Urutágua e marcar as árvores para não se perder no labirinto: *tudo é mandamento sem validade* desde quando se fazia vela com o fígado do cação ou com a banha da tainha. A luz elétrica não conforma o viver caiçara, tampouco alguma falta de cultura letrada impede que Agostinho, que mora ali na Laranjeiras, faça um poema. Não é porque não está escrito que não se saiba que sua herança é o mar. Um respeito profundo pelas forças da paisagem é o pontapé para entender as políticas caiçaras: territórios que moldam e são moldados, mutuamente, por uma gente compromissada com as regras de manutenção da própria vida, sua realização produtiva mais importante.

Paisagem, 2021
Landscape
Frame do vídeo
Video frame

INVISIBLE SIGNS

Life is a chore. And do not say it is not to someone who was born caiçara and learned how to live on the move. From here on, there is little to explain and a lot to experience. If the land moves, why would those who live in it stand still? The Barra do Ararapira is a land from which there is no escape: a sandbar dividing the outside sea, the Atlantic Ocean, from the inside sea, the rivers, the ours, the yours. A sandbar which migrates – and which do not? Those who here live inhabit a pulsing environment, a land that has shifted places several times, an ecosystem which puts together past, present and future, old and new – and has a life of its own. Materials and histories are meaningful to the tiller, the fisherwoman, and the craftswoman, which means that what is heard, communicated via orality, becomes visible material for those who have had their sensorial perception trained according to the caiçara way. Words are not the only raw material for discourses that, for those who are not paying attention to the signs, are merely mute. And those who are listening: they can tell by the clouds and the tides, or be guided by the sound of the seas. According to the subtlest change in the whistling of the wind, caiçaras adapt their days; it is also in practical participation that daily lives are made. As the windsock is adjusted, the land may shift. Life unfolds before your eyes and must be honored, even if, under that very ground, an armadillo could cause

a landslide. The handling of nature by those who worship the woods does not rely on regular civil convention. Their civilization is engendered through what is not seen nor heard. Whoever has not understood this, it is because they did not listen to their teachers. Teachers such as those that taught Renato to pay attention to the silence. And because he did, he knows life can be good, the same simple life God gave to Rubens, that he is thankful for, and not unlike the one Edna, Shirley, Leidiana, Janice, Irai, Patrícia or Rose consecrate upon entering the forest in search of cataia, but only after a prayer – be it loud or silent. To make wind a part of you, turning it into a tool, respecting the chant of the Urutágua and marking the trees so one does not get lost in the maze: these have been perennial commandments since the days when candles were made with dogfish liver or mullet fat. Electric light does not shape the caiçara lifestyle, nor does the lack of some sort of learned culture stop Agostinho, who lives in the Laranjeiras, from creating a poem. The fact that what he has inherited is not written down does not mean he does not know that it comes from the sea. A deep respect for the forces of the landscape is the kick-start to understanding caiçara ways: territories which shape and are shaped, mutually, by people connected to the rules that sustain life, their most important productive fulfillment.

CORPOS QUE PESCAM



Pesca artesanal
[Márcio José Muniz], 2021
Artisanal fishing
Frame do vídeo
Video frame



Vladimír Kozák
Matinhos
Sem título, 1948
Untitled
Fotografia
Photograph
COLEÇÃO / COLLECTION VLADIMIR KOZÁK,
MUSEU PARANAENSE



Pesca artesanal, 2021
Artisanal fishing
Frame do vídeo
Video frame

Corpos pescadores conhecem as artimanhas de viver sobre as águas, mas a prática da natureza do mar não deixa esquecer a importância dos outros elementos: a terra, que abriga a família na ausência de quem pesca; o vento, que sussurra sobre a presença dos peixes, e o fogo, que mantinha o lampião aceso e ainda hoje transforma o pescado em alimento. A comunicação entranhada no gesto obedece devotamente à direção do vento. Com vento sul, o mar engrossa, o sopro é forte, nada de pesca. Com vento leste, o peixe entra todinho barra adentro, para ser pego de rede, de cerco, de lance. O mar é coisa viva. E é preciso ter medo dele. Todos os dias. Dia sim, dia não, a pescaria acontece. A rotina de quem sai porque precisa nem sempre permite grandes acontecimentos inusitados – a maioria das histórias de pescador tem a ver com a repetição do cotidiano. É mais certo voltar com pouco ou quase nada. O peixe conhece quem pesca como quem pesca conhece o peixe: e um sente o outro. Se quem pesca conhece o comportamento de cada espécie, o peixe também sabe como e quando fugir da rede. E é geralmente o peixe que leva vantagem. Quando acontece de não ter peixe, diz-se que *não dá nem vontade de cantar*. Ainda assim, o que manda é o respeito que se tem pela vida no mar. Os animais são e têm família – e não se mata filhote, *é capturar e devolver*. João foi desses peixes devolvidos ainda filhotes, os pais morreram afogados na época em que se fazia sapo e o pagamento ao fim do dia era comida e fandango. A pesca no rio e no mar acontece *quando a maré tá de bom tema*. Isolina também é

Isolina Dias Mendonça
Frame do depoimento em vídeo
Testimonials video frames

de quando a rede era de arrasto. A morte precoce dos irmãos a fez companhia permanente do pai nas descidas do rio à noite. Um dia de pesca, outro de palmito. Um dia de bagre assado com um pouco de farinha, outro de folha de caitê na beira da cachoeira. Os trocos que se ganhava serviam para comprar arroz e outros mantimentos em Vila Fátima. Matar peixe, unanimidade nos depoimentos, era mais fácil quando a pesca industrial predatória não afetava tanto o fluxo dos rios e mares ao redor. Hoje, mulheres e homens com corpos que leem água, vento, terra e fogo, faça chuva ou faça sol, sabem que o mesmo vento sul, que não permite pescar, acompanha os bons peixes que vêm de lá, a favor da água. Sabem também que debulhar os camarões, limpar e salgar os peixes são tão importantes para a cadeia da pesca quanto jogar a rede, puxar a rede, jogar a tarrafa, cair na água e *nadar pra pegar embarcação*. Etapas de um processo que exige muitas mãos e braços, corpos caiçaras que pegam peixes e dão o lança da canoa. Os mesmos braços com que se medem as redes feitas à mão e nos quais estão visíveis as marcas desta vida ao ar livre, dia sim, dia também, cuidam da natureza para que o mar esteja sempre para peixe.

BODIES THAT FISH

Bodies that fish know the tricks of living above water, but their engagement with the sea and its nature does not overshadow the value of the other elements: the land that continues to provide a home for the family when those who go out to sea are absent; the wind, which whispers the presence of fishes, and fire, which once kept lamps burning and until today transforms fish into food. Communication embedded in gesture follows the direction of the wind faithfully. With a southern wind, the sea thickens, blows strongly, and there is no fishing. With the eastern wind, all fish flock to the sandbanks, only to get caught: by nets, fencing, spears. The sea is a living thing. And one must be fearful of it. Everyday. Every other day the fishermen go out to sea. And the daily life of those who go out to fish because they must does not always allow for surprises. Thus, most of their stories have to do with the repetitions of daily life. And fishermen are more likely to come back with little or almost nothing. Fish know those who fish as ones who know fish. And they sense each other. While those who fish know the behavior of each species, fish also know when and how to escape the net. And usually the fish has the lead. It is said that when there are no fish, one does not even feel like singing. Nonetheless, the rule is respect for life at sea. The animals are and have families – and one does not kill the babies, whom, when captured, must be thrown back. João was one of those fish returned to the sea as a kid. His parents drowned

back in the days in which pay at the end of the day came in the form of food and fandango festivity. River or sea fishing have always taken place when the tides collaborate. Isolina too is from the times of the trawl nets. The early death of her brothers turned her into her father's close companion on nighttime river fishing. One day is for fishing and the next, to gather palm hearts. One day of roasted catfish with some flour, the other of caite leaves by the waterfall. In Vila Fátima, the small change people earned was for rice and other provisions. To catch fish – consensus of all who gave their testimony – was easier before predatory industrial fishing had impaired the flow of the rivers and nearby seas. Nowadays, men and women of bodies that fish read the water, the wind, the earth and the fire, no matter the weather, knowing that the same southern wind that does not allow for fishing, follows the good fish which from there come, travelling the flow of the water. They also know that threshing shrimp and cleaning and salting fish is as important to the fishing food chain as throwing and pulling in the nets, jumping into the water, and swimming to the boat. They are parts of a process which requires many hands and arms, the caiçara bodies that fish and pace the rhythm of the canoe. And from the same arms that measure out the handcrafted nets, arms on which the signs of an outdoor life are etched, comes care for nature – so that there will always be fish at sea.

FÉ E FOLIA DO DIVINO

FAITH AND THE FOLIA DO DIVINO

The house is the church. The family is the altar. Aorelio's voice is that of another of those who has faith in his heritage. Among the several ways the caçara have of being faithful, the pilgrimage is the most famous. During fifty days, from Easter Sunday to Pentecost Sunday, from six in the morning to six in the afternoon, visitors take joy and give big hugs to those who open up their doors to the Divine Pilgrimage.

The symbols are familiar: the first banner is red in allusion to fire, as a reminder of the way in which the Holy Spirit showed itself to the apostles and the Virgin Mary at the cenacle; the white banner alludes to the three co-substantial persons who define God in the doctrine of Christian trinity: father, son and Holy Spirit, banners which today, with the passing of the oldest masters, fly together. There is also the carved pigeon at the top of the masts, a representation of the divine, standing on a wire sphere adorned with flowers, the 'cachopa'. On it, notes, bills, photos and objects are hung as a symbol for promises and gratitude. The colorful ribbons tied to the base of the 'cachopa' also bear handwritten

messages by the devotee himself. Measured and cut to the height of the faithful, it is as if the devotees were, themselves, tied to the flag. On their way, master, rabequista, tipe, caixeiro and alferes sing and chant in a ritual that stirs everyone. It moves Aorelio, who started as second voice to João Busa and has been master of pilgrimages, as if the baton were passed from one to the next; it moves Jairo, son of a flag reveler who would leave home for forty days paddling his canoe; it moves Poro, who believes faith does not require permission and feels the difference of Guaratuba musicality. It is stirring even to those who do not yet have the keys to unlock the possible meanings of the blessings that are proffered. Dawn, Arrival, Farewell and Kisses – four steps of a much-awaited day. To the sound of quadras with seven or eight improvised phonemes and rhymes in interchanged lines, or through the most profound silence left after the revelers leave, faith is the caçara strength which puts daily events on hold in order to raise awareness over the meanings of life itself.

A casa é a igreja. A família é o altar. A voz de Aorelio é mais uma das que diz que *tem fé naquilo que carrega*. E é extenso o conjunto caçara dos modos de ter fé – a romaria, o mais famoso deles. Durante cinquenta dias, do domingo de Páscoa até o domingo de Pentecostes, de casa em casa, das seis da manhã às seis da tarde, visitas levam alegria e abraços a quem abre as portas para a Romaria do Divino. Os símbolos são familiares: a primeira bandeira, vermelha, que alude ao fogo, como lembrete da forma pela qual o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos e à Virgem Maria no cenáculo; a bandeira branca, alusão às três pessoas consubstanciais que definem o deus na doutrina cristã da Trindade: deus Pai, deus Filho e deus Espírito Santo, bandeiras que hoje, com a morte dos mestres mais antigos, andam juntas. Há também a pomba esculpida no topo dos mastros, representação do Divino, pousada sobre uma esfera de arame toda enfeitada com flores, a cachopa. Nela, penduram-se bilhetes, cédulas de dinheiro, fotos e objetos que sinalizam promessas e agradecimentos. As fitas coloridas atadas à base da cachopa também carregam mensagens escritas à caneta pelo próprio devoto. Medidas e cortadas na altura de quem tem fé, é como se devotos e devotas fossem, os próprios, atados à bandeira.

No seu encaço, mestre, rabequista, tipe, caixeiro e alferes entoam toques e cantos de um ritual que comove toda a gente. Comove o Aorelio, que começou como segunda voz de João Busa e tem iniciado mestres de Romaria, como se passasse um bastão; comove o Jairo, neto de um folião de bandeira que ia de canoa à remo para ficar quarenta dias fora de casa; comove o Poro, que acredita que fé não precisa de autorização e sente diferente a musicalidade de Guaratuba. Comove até quem ainda não tem as chaves para abrir as portas de significados possíveis quando a bênção se faz.

Alvorada, Chegada, Despedida e Beijamento – quatro etapas de um dia muito esperado. Ao som de quadras com sete ou oito fonemas improvisados e rimados em linhas alternadas, ou no mais profundo silêncio que fica depois que os foliões vão embora, a fé é a força caçara que coloca em suspenso acontecimentos cotidianos para orientar a atenção para sentidos daquilo que os faz existir.



Folia do Divino
[Eloir Paulo R. de Jesus,
Aorelio Domingues, Malu e Luma Z.
de O. Domingues de Borba], 2021

Frames do vídeo
Video frames

ACIMA / ABOVE
Vladimir Kozák
Igreja / Church of
Nossa Senhora do Bom Sucesso, Guaratuba

Sem título [Festa do Divino], déc. 1950
Untitled [Festa do Divino], from the 1950s

Fotografia
Photograph

COLEÇÃO / COLLECTION VLADIMIR KOZÁK, MUSEU PARANAENSE

VIDA FANDANGUEIRA



Mestre Martinho dos Santos
Rio Sagrado, Morretes
Machete, 2003

Madeira
Wood
COLEÇÃO / COLLECTION INAMI CUSTÓDIO PINTO,
MUSEU PARANAENSE



Autoria desconhecida
Unknown craftsperson
Tamancos, s.d.
Clogs, n.d.

Madeira e couro
Wood and leather
COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE



Atribuída ao / attributed to
Mestre Anísio Pereira
Rabeca, 2001
Fiddle

Madeira caxeta cavocada
Carved wood
COLEÇÃO / COLLECTION INAMI CUSTÓDIO PINTO,
MUSEU PARANAENSE

Caiçaras são fandangueiros desde crianças. Os sinais estão entranhados na experiência. E tudo é visceral porque foi internalizado de ouvido, foi aprendido na marra, virou parte de um engajamento da atenção, algo que não ocorria por instrução sistematizada dos saberes, mas por meio de uma percepção aguda dos objetos e das pessoas, do ambiente e do tempo. Um dos principais fundamentos técnicos e afetivos do Fandango é a construção artesanal dos instrumentos musicais. Seus regimes de aprendizado passam pela observação do fabricante do instrumento, não porque fosse uma obrigação,

mas porque o acontecimento todo fazia parte de um modo vivente que favorecia a curiosidade da criança que nasce num território alicerçado na musicalidade. As figuras de um litoral do Paraná fazedor e musical foram inspiração de berço para crianças que levaram adiante o fôlego dos mais velhos. O fôlego da festa, regada a ensopado de peixe, barreado e aguardente. E o fôlego da música, porque mestres artesãos deram forma a violas, machetes, rabecas, caixas e adufos. E tudo vem da ideia, ou da memória coletiva territorializada de um povo que ia espiando e aprendendo. No passado, a festa feita como “paga” pelo trabalho comunitário em um determinado espaço – os chamados mutirões, trabalhos que duravam um dia inteiro, ou sapos, meio período de lida, que aconteciam em roçadas, derrubadas, varações de canoa ou cavações. Essas manifestações festivas migraram para a direção dos casamentos, das festas religiosas e de outros eventos comemorativos e se afastaram dos domínios produtivos associados à mata e às águas. Leonildo, aprendiz autodidata de rabeca, sabe que não é tão fácil, mas é fácil para quem sabe fazer. Sabe também que a história do fandango é pesada, mas é bonita de ver. Zeca da Rabeca leva o nome do instrumento no apelido, mas gosta mesmo é de viola e lembra do tempo em que ninguém ensinava, muito menos deixava pegar no instrumento para que ele não desafinasse. Ele, afinador e professor, sabe que a observação do dedo de quem toca já não é mais suficiente, nem o bom ouvido. Na batida dos tamancos, com a dança das mulheres e voz dos cantores, o fandango caiçara foi assim se desenhando de um jeito muito particular, mas nunca passou despercebido aos ouvidos da terra e nunca esteve fora da rota. Aorelio é representante de uma geração que se sentiu importante ao lado daqueles mestres tocadores e, no dever de revelar uma tradição, encontrou as notas que embalam uma vida dedicada ao fandango. Ele vê na vida fandanguera a marca registrada de uma identidade cultural que assegura territórios e bate numa tecla também política: uma manifestação cultural tem o poder de assegurar direitos. E lembrar disso tem sido dever de quem não vive sem essa trilha sonora.



FANDANGO-LOVING LIVES

Caiçaras are fandango-lovers from childhood. Its signs are embedded in their experience. Everything comes intuitively because things are learned by ear, out of necessity or through attentive involvement, something that would not occur through systematic imparting of knowledge, but through sharp perception of objects and people, environment, and time. One of the main technical and emotional foundations of fandango is the handcrafted construction of musical instruments. People's learning regimes begin as they observe instrument makers, not out of obligation, but because theirs is a way of life which favors the curiosity of children born in this land of musicality. The symbols of a coastal Paraná that is musical and creative serve as inspiration to these children from the cradle. Later they carry their elders' spirit forward. The energy of the festivities, graced with traditional fish broth, barreado and spirits. The liveliness of the music, thanks to the master craftsmen who have shaped violas, machetes, rabecas, percussion boxes and adufes. And everything comes from the idea, or collective territorial memory of a people whose spying eye is the key to learning. In the past, festivities were “paid for” through community work in particular spaces – the mutirões or collective efforts that would last a full day or half a workday, which would go from clearing the land to canoe making. Such festive

manifestations then migrated to weddings, religious and other celebratory events, distancing themselves from the productive domains of water and woodlands. Leonildo, self-taught rabeca player, knows it is not that easy, but becomes easy for those who have learned. He also knows that fandango history is dense, but beautiful. Zeca da Rabeca carries the name of an instrument in his nickname but prefers the viola and remembers a time when no one would teach how to play it, much less let anyone touch one's instruments, zealously kept in tune. In turn, Leonildo, tuner and teacher, knows that simply watching the fingers of those who play is no longer enough, nor is having a good ear. In the beat of clogs on the floor, the dance of the women and the voice of the singers, the caiçara fandango was designed in a very particular way, and never went unnoticed by the listeners of the region, never became irrelevant. Aorelio represents a generation who felt important alongside master teachers and, taking the maintenance of a tradition as a duty, finds the notes that give melody to a life devoted to fandango. He sees in fandango lifestyle the registered trademark of a cultural identity that ensures land rights and stands on political ground: a cultural manifestation that has power in the fight for rights. And he reminds us that to preserve it is the duty of all those who cannot live without its soundtrack.

Fandango caiçara [Mestre Leonildo F. Pereira], 2021

Frame do vídeo
Video frame



MÃOS CAIÇARAS

As mãos de mestres e mestras de ofícios da população litorânea são instrumentos de formação de mundos. Da olaria à fabricação de canoas, a solidão e a coragem entoam o ritmo de quem conhece profundamente os materiais e as condições ecológicas que demandam a existência de canoas e recipientes de argila. Experiências de terra e de água que dão o sustento e garantem a sobrevivência caiçara, mas também são formas de referenciar a vida.

Em oposição a uma massa de produtos industriais predominantes, a sensibilidade estética e o saber-fazer que acompanham mestres e mestras são bens inalienáveis dessas comunidades. Esse aprendizado por observação fez de Janguinho canoeiro autodidata e mecânico de barcos. Conhecimento do meio marinho, do meio lagunar, da fauna e da flora são pré-requisitos para fazer canoas elogiadas por quem passa, mas a construção de um modelo mental aprimorado ao longo de gerações envolve também uma empreitada que começa com a escolha da árvore – antes, canela e peroba; hoje, guarapuvu. Esperar lua boa é mandamento que não se ignora. E aí a imaginação do canoeiro dá lugar à concretização do objeto-mãe na vida caiçara. A derrubada, o corte, o acabamento e o deslocamento da canoa pronta não são feitos sozinhos, mas por um mutirão. A puxada costuma se associar ao festejo com o fandango e a festa é grande quando uma canoa chega ao seu destino. Janguinho, figura importante para quem navega, *sabe bem e ainda que admira que hoje canoas de fibra durem muito mais, é a madeira a dona do seu coração*.

Num mundo de raiz indígena, a cerâmica da Senhorinha Romão da Costa, oleira da Ilha de Medeiros, em Paranaguá, é herança daquilo que precisa de mais atenção que palavra. O barro longe exigia saída de canoa e entrada no lamaçal do mangue com atenção para a saída de maré. No seu fazer, coletar, transportar e temperar a argila são os passos que precedem a socagem, modelagem, alisamento, corte, raspagem, polimento e queimada da cerâmica. Experiências de mar e de terra que a tornam uma depositária das tradições indígenas, dotadas da delicadeza e da paciência exigidas pelos recipientes que já carregaram muita mandioca em outros tempos. Um saber incorporado porque está no corpo. Tudo em família e obedecendo a tempos espaçados pelas fases da lua.

A memória ainda é a cola potente que dá liga a saberes e fazeres constituintes da vida na beira do mar. E persiste nos gestos coletivos insistentes de quem sabe o valor da terra embaixo de seus pés, sustentáculo de corpos inteiros.

CAIÇARA HANDS

The hands of master craftsmen and women of the coast make instruments that shape worlds. From pottery to canoe production, solitude and courage infuse the rhythms of those who have deep knowledge of the materials and ecological conditions for the existence of such objects. Experiences with earth and water support and ensure the survival of the caiçara population but are also ways to acknowledge life.

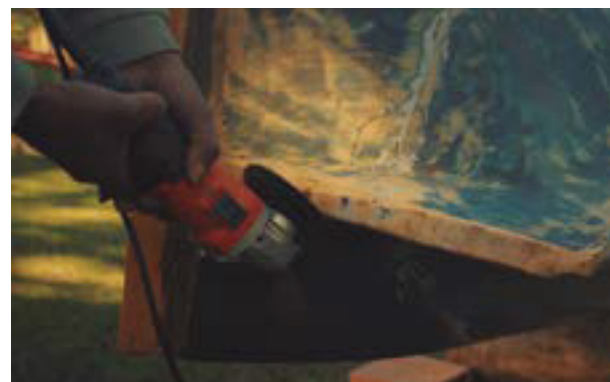
In contrast to dominant large scale industrial production, the sensibility, aesthetics, and know-how of these craftspeople are inalienable products of the communities. Learning by observation made Janguinho a self-taught canoeer and boat maker. Knowledge from the sea, river, fauna and flora are a must, to make canoes that will be praised by those who see them. Yet the creation of a model designed and enhanced over the course of generations also requires a dedication that begins with the choosing of wood – once cinnamon and peroba, today, guarapuvu. To wait until 'the good moon' is a commandment that is never ignored. Then, from the canoe maker's imagination comes the materialization of that which constitutes the main object of caiçara life. A tree is cut down, wood is sanded, and a canoe is finished and taken to the water not by a single individual but through collective effort. Moving a canoe is usually followed by celebration and

fandango dancing, especially when the vessel reaches its destination. Janguinho, an important figure among those who navigate, admits that today's fiberglass canoes last a lot longer, but knows that his heart belongs to the old wooden-crafted ones. In a world of indigenous roots, pottery made by Senhorinha Romão da Costa, potter from the Isle of Medeiros in Paranaguá, is a legacy that demands – more than mere words – careful attention. Retrieving clay from far away meant leaving by canoe and entering the mangrove, always cautious of the tide. Following the collecting, transporting and tempering of the clay come the drying, modelling, smoothening, cutting, scraping, polishing and burning of ceramics. Experiences of sea and earth turn her work into a repository of indigenous traditions, embedded in the subtlety and patience necessary in making vessels which have over the years borne an inestimable quantity of manioc. Corporified knowledge, that is, embedded in the body. Running in the family and following, in its time frame, the phases of the moons. Memory is still a potent matter that interweaves knowledges and practices typical of the coastal way of life. It persists in the enduring collective gestures of those who know the value of the earth under their feet, the earth that sustains their bodies.



Canoa caiçara
[Mestre Odair José Costa, 2021]

Frames do vídeo
Video frame



Vladimir Kozák

Vila de Medeiros, Guaraqueçaba, Paraná

Sem título [Produção de cerâmica por Senhorinha Romão da Costa e família], déc. 1940
Untitled [Ceramics made by Senhorinha Romão da Costa and family], from the 1940s

Frame do vídeo
Video frame

COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE



Senhorinha Romão da Costa
Medeiros, Guaraqueçaba

Louça, c. 1980
Dishware, c.1980

Cerâmica
Ceramic

COLEÇÃO / COLLECTION MUSEU PARANAENSE



Casa caiçara, 2021 / *Caiçara house*. Frame do vídeo / *Video frame*.

CAPA Composição a partir das fotografias:

Sem título, s.d. / *Untitled, n.d.* Vladimir Kozák. Ilha dos Currais, Pontal do Paraná, Paraná. Fotografias / *Photographs*. COLEÇÃO / *COLLECTION* VLADIMIR KOZÁK, MUSEU PARANAENSE.

Créditos da exposição

Exhibition credits

Concepção e projeto
Concept and Project
Museu Paranaense

Curadoria
Curatorship
Felipe Vilas Bôas
Giselle de Moraes
Josiéli Spenassatto
Richard Romanini

Pesquisa
Research
Felipe Vilas Bôas
Josiéli Spenassatto

Consultoria de pesquisa
sobre a cultura caiçara
Research Consulting
Karina da Silva Coelho

Preparação e edição de textos
Text editing
Julie Fank

Revisão
Proofreading
Mônica Ludvich
Alessandro Manoel

Tradução
English Version
Miriam Adelman
Lucas Adelman Cipolla

Consultoria de ação educativa
Educational Action Consulting
Milena Aparecida Chaves

Acessibilidade (Libras)
Accessibility
Cepol

Conservação e restauro
Conservation and Restoration
Maria Márcia Dalledone

Montagem
Exhibition Installation
Raul Fuganti
Diogo Duda
Juliano Carneiro

Iluminação
Lighting Design
Iluminarte

Infraestrutura áudio e vídeo
Audio and video infrastructure
Lumen

Créditos das filmagens — depoimentos e paisagens

Shooting credits — testimonials and landscapes

Depoimentos do eixo
“Deslocamentos por dentro”
Testimonials of the axis
“Displacements by the inside”
Claudemir da Silva
Cecília Szenkowicz Holtman
Rony Remy
Silmara Aparecida
Xavier Carneiro
Edson Suemitsu
Denise Fritschtein Weishof
Heinz Egon Philippsen
Fouad Youssef El Oumairi
Polferia Cheremnov
Ayla Nohemi Colmenarez
Espinoza
Danuta Maria Lisicki
de Abreu

Depoimentos do eixo
“Deslocamentos pela margem”
Testimonials of the axis
“Displacements by the margin”
Aorélio Domingues
Leonildo Fidelis Pereira
Rubens Jorge Muniz
João Pires
Rosinilda Santana (Rose)
Isolina Dias Mendonça
Renato Pereira de Siqueira
João Gonçalves Filho
(Janguinho)
José Martins Filho
(Zeca da Rabeca)
Aorelio Domingues de Borba
Eloir Paulo Ribeiro de
Jesus (Poro)
Jairo Paulo de Souza
(Jairinho da Bandeira)

Direção
Directed by
Richard Romanini

Direção de fotografia
Director of photography
Elisandro Dalcin

1º assistente de câmera
First camera assistant
Murillo Marchesi

Entrevistas
Interviews
Mariana Sanchez

Montagem
Film editing
Lucas Kosinski
Richard Romanini

Colorista
Color grading
Lucas Kosinski

Trilha sonora e sound design
Soundtrack and sound design
Felipe Ayres

Coordenador de produção
Production coordinator
Marco Novack

Som direto
Boom operator
Bruno Ito

Maquinária e elétrica
Key grip and gaffer
Magnus Lobo
(eixo “Deslocamentos
por dentro”)
Maikon Batista Rocha
(eixo “Deslocamentos
pela margem”)

Assistente de
maquinária e elétrica
Best boy electric and grip
Gustavo Pereira
(eixo “Deslocamentos
pela margem”)
Sandro Augusto Dal
Col Lobo
(eixo “Deslocamentos
por dentro”)

Logger
Guilherme Delamuta
(eixo “Deslocamentos
pela margem”)
Matheus Eschiavo Kerniski
(eixo “Deslocamentos
por dentro”)

Operador de drone
Drone operator
Gabriel Miranda

Governador do
Estado do Paraná
Governor of the
State of Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário de Estado
da Comunicação Social
e da Cultura
State Secretary of Social
Communication and Culture
João Evaristo Debiasi

Diretor-Geral da SECC
General Director of SECC
Diego de Oliveira Nogueira

Superintendente-
Geral da Cultura
General Superintendent
of Culture
Luciana Casagrande Pereira

Coordenador do Sistema
Estadual de Museus
Coordinator of the
Museums State System
Jorge Fam Neto

Assessoria de Comunicação
Communication Consulting
Dani Brito

Assessoria de Design
Design Consulting
Rita Solieri Brandt

MUSEU PARANAENSE
Diretora
Director
Gabriela Bettega

Direção Artística
Artistic Direction
Richard Romanini

Gestão de Conteúdo, Produção
e Comunicação
Content, Production and
Communication Management
Giselle de Moraes

Departamento de
Arquitetura e Design
Architecture and Design Division
Nicolas Marques de Oliveira
Juliana Ferreira de Oliveira

Departamento de Antropologia
Anthropology Division
Josiéli Spenassatto

Departamento de Arqueologia
Archaeology Division
Claudia Inês Parellada

Departamento de História
History Division
Felipe Vilas Bôas

Departamento Educativo
Educational Division
Neusa Cassanelli
Rejane Zimmer da Costa
Sandra Mara Gutierrez

Gestão de Acervo
Collection Management
Denise Haas

Laboratório de
Conservação e Restauro
Conservation and
Restoration Laboratory
Esmerina Costa Luis
Janete dos Santos Gomes

Comunicação (Mídias Sociais)
Communication (Social Media)
Talita Braga

Segurança
Security
José Carlos dos Santos

Supervisor de Montagem
Exhibition Installation Supervisor
Rogério Rosário

Agradecimentos

Acknowledgements

O Museu Paranaense agradece aos diversos profissionais e instituições parceiras que fizeram parte desse trabalho e se dedicaram à realização da exposição. Nosso estado: vento e/em movimento:

MAE-UFPR
Pousada Recanto Ararapira
Departamento de história da
Universidade Federal do Paraná
Agnaldo Fidelis Pereira
Andressa Mara Gonçalves
Antônio Muniz
Claudecir Pires
Daniel Romão da Costa
Diego Antonelli
Dival da Silva Xetá
Douglas da Silva Barros
Edina Santana
Felix Michel Ehrlich
Janice Martins
José Muniz Filho
Juari Fidelis Pereira
Lidiana Pires
Luma e Malu Domingues
Márcio José Muniz
Mestre Odair José Costa
Nicolle Taner de Lima
Omar Nasser Filho
Otávio Zucon
Ricardo Kasburg Philipsen
Ronaldo Tinoco
Samuel Pires
Shirley Pinto
Zelinda Fialla
Zoraida Rivas

Aos fornecedores:

Atelier Genoveva
R.A. Machado
Soter Móveis
Metal Pinheiro

Por fim, o Museu Paranaense agradece aos estagiários e voluntários que são parte fundamental na elaboração e viabilização dos projetos desenvolvidos pelo MUPA.



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

SAMP



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



MUSEU PARANAENSE

Rua Kellers 289
Alto São Francisco
Curitiba, Paraná, Brasil
+55 41 3304 3300
museupr@secc.pr.gov.br

🌐 museuparanaense.pr.gov.br
f museuparanaense
@ museuparanaense

Esta exposição de longa duração está localizada na rampa do anexo com abertura em 14 de junho de 2022.
This ongoing exhibition is located on the ramps, opened on June 14th, 2022.

Terça a domingo
10h—17h30
Tuesday to Sunday
10am—5h30pm

Entrada gratuita
Free admission